

Petrobras 'Road show'

Prates negocia com empresas do Kuwait e fala em parcerias

Presidente da estatal não deu detalhes sobre novos negócios, mas aproximação pode envolver áreas de óleo e petroquímica

GABRIEL VASCONCELOS
RIO

O presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, anunciou em suas redes sociais que a estatal vai trabalhar em parceria com três em-

presas do Kuwait: a Kuwait Petroleum (KPC) e suas subsidiárias Companhia de Indústrias Petroquímicas (PIC, na sigla em inglês) e Companhia de Exploração de Petróleo no Exterior do Kuwait (KUPPEC).

Com relação à KUPPEC, Prates mencionou a possibilidade de abertura de uma subsidiária da empresa no Brasil e definiu as reuniões que teve com os presidentes das três companhias no domingo passado como "muito produtivas".

Segundo pessoas próximas

da estatal, Prates aproveitou a viagem que fez à Índia para emendar um novo périplo pelo Oriente Médio, onde busca oportunidades de negócio e cooperação para a Petrobras. Em Goa, na Índia, ele participou da India Energy Week 2024, onde se reuniu com o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, e outras autoridades estrangeiras e presidentes de grandes empresas do setor.

Depois do Kuwait, o presidente da Petrobras deve visitar os Emirados Árabes, a Arábia Saudita e o Catar – alguns dos países onde ele já esteve recentemente para estreitar laços.

Nem Prates nem a Petrobras esclareceram o objeto das parcerias envolvendo as empresas do Kuwait, mas, a julgar por suas atividades, a cooperação poderia se dar no âmbito do principal negócio da estatal brasileira – a exploração e produção de óleo e gás – ou em

petroquímica, área em que a diretoria de Prates já manifestou ter interesse em expandir.

ARÁBIA SAUDITA. Quando do encontro com autoridades sauditas, no fim de 2023, Prates chegou a falar no lançamento da Petrobras Arábia, espécie

Roteiro
Presidente da Petrobras aproveitou viagem à Índia para um novo périplo por países do Oriente Médio

de sociedade especificamente voltada ao mercado de fertilizantes, com abertura de fábricas no Golfo Pérsico e no Brasil ao mesmo tempo. Como revelou o *Estadão/Broadcast* em dezembro, o racional por trás desse plano é aproveitar as sinergias dos dois países para reforçar o acesso a fertilizantes.

Enquanto a Arábia Saudita tem larga oferta de insumos nitrogenados, o Brasil tem potássio, ambas matérias-primas essenciais à produção de fertilizantes, assim como o gás natural, detido pelos dois países, mas a preços "muito mais altos" no Brasil. A combinação dessas vantagens abriria caminho para a produção de fertilizantes a preços mais competitivos no País, e para a importação de volumes seguros da Arábia Saudita, por exemplo.

O principal interlocutor da Petrobras no Oriente Médio é o secretário-geral da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), o kuwaitiano Haitham al-Ghais. Dele teria vindo o convite para a atual visita. O principal interesse desses países seria o desenvolvimento de tecnologias de transição energética e descarbonização na cadeia de hidrocarbonetos, base de suas economias.●

SOMENTE ONLINE

LEILÃO DE MATERIAIS

CELULARES • PAINÉIS SOLARES • UTENSÍLIOS IMPERDÍVEL • ESTAS E OUTRAS OPORTUNIDADES



31 PAINÉIS SOLARES E 1 INVERSOR GROWATT



MINI PÁ CARREGADEIRA CASE 420 STD SÉRIE 3 - 2010



QUARTA-FEIRA 19/02/24 ÀS 15H00
TRITURADOR DE RESÍDUOS INDUSTRIAIS



SODRÉ SANTORO
LEILÕES PRESENCIAIS E ONLINE
Carolina Lauro Sodré Santoro, Leiloeiro Oficial JUCESP nº 758

Contratos futuros de petróleo têm queda de 0,30%

Com o mercado ainda monitorando de perto os desdobramentos do conflito entre Israel e o grupo extremista Hamas, as cotações do barril de petróleo do tipo Brent (referência para

o Brasil) voltaram a recuar ontem, após a commodity ter acumulado ganhos superiores a 6% na semana passada. Os contratos para entrega em abril cederam 0,30% (US\$ 0,25), a US\$

81,94 por barril. Já o contrato do WTI para março subiu 0,10% (US\$ 0,08), a US\$ 76,92.

Segundo especialistas, a queda do Brent refletiu os sinais de militares de Israel de que o

fim de uma ofensiva mais forte em Gaza poderia estar próximo. "Isso ajudou a reduzir ligeiramente os preços do petróleo, uma vez que as preocupações com as restrições de oferta na região diminuíram um pouco. Temia-se que um ataque total a Rafah pudesse ser

catastrófico e causar uma escalada mais ampla", escreveram analistas do grupo financeiro Hargreaves Lansdown, em nota. As expectativas de uma maior produção de petróleo nos EUA também contribuíram para a queda nos preços.●

PATRICIA ANDRIOLI